

ANO 01
EDIÇÃO 01
NOVEMBRO DE 2017
JORNAL FOLHA UCPEL

ITINERÁRIO

CADERNO

Sua principal fonte de informação sobre trânsito na região Sul



Foto: Karoline Peter

Apesar da paisagem encantadora, RS 473 e RS 602 enfrentam grandes problemas

PÁGINA 02



Foto: Karoline Peter

PERIGO SOB RODAS: a precariedade das RS 473 e RS 602



Karoline Peter
vergarapeter@hotmail.com

São 48 km de estrada com buracos, animais, sem sinalização e muito perigo

Um trajeto de paisagens encantadoras, mas também de muitos problemas. Os quarenta e oito quilômetros que ligam as cidades de Herval e Arroio Grande, na região sul do Rio Grande Sul, simbolizam as típicas estradas de interior de estado.

A RS 473 é a principal ligação de Herval a outros municípios da região. O trecho de vinte e três quilômetros e trezentos metros encontra-se com a RS 602 na divisa entre a cidade e Arroio Grande, município mais próximo. As duas rodovias são cheia de curvas, sem acostamento, com grandes indícios dos condutores encontrarem animais durante o percurso, buracos no meio da pista e sem iluminação.

De acordo com o Comando da Polícia Rodoviária Estadual, essa área não apresenta índice de acidentes, pois o comando não conta com efetivo suficiente para o serviço e, nesses casos, a responsabilidade seria da Brigada Militar. A reportagem entrou em contato com a Brigada Militar de Arroio Grande e, segundo o Sargento Lima, é impossível descrever a média de acidentes nesse trecho.

Mas o fotógrafo Gilson Peter, 43, é uma das vítimas das ERS e, segundo ele, prestou queixa dos acidentes na Brigada Militar de Arroio Grande. Desde que mudou de Arroio Grande para Herval, em 1996, ele já sofreu dois acidentes no trajeto e sofre muito com os transtornos que o trecho apresenta.

O primeiro acidente de Gilson ocorreu em 1997, quando uma vaca atravessou a pista. “Eu estava com a minha primeira filha de apenas quatro dias no banco de trás e passei por um tropeiro que conduzia a tropa de

vacas para outro campo”, conta.

Segundo Gilson, um animal ficou disperso e, assustado, subiu na pista. O condutor ainda tentou parar o veículo, mas o animal subiu no capô do carro.

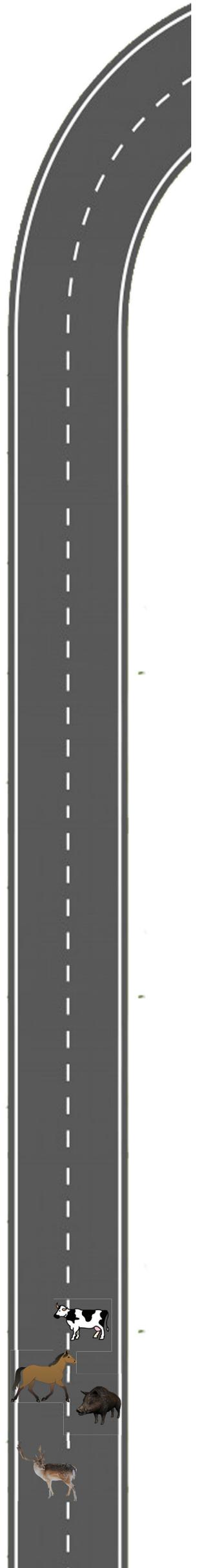
Todos os ocupantes estavam com cinto de segurança e sofreram lesões leves, mas os danos materiais foram grandes: para-brisa, espelho, capô, faróis e mão de obra. Um custo de R\$ 3.000,00, na época.

O segundo acidente foi em 2008 e Gilson ainda lembra-se dos detalhes. Ele conta que três cavalos atravessaram a pista e conseguiu defender apenas dois, o outro acabou ocasionando o acidente. Ao mostrar a marca do acidente com um corte no queixo, ele relembra a noite do acontecido. “Desviei dos dois cavalos maiores, mas outro carro vinha na pista contrária com a luz alta me deixando com pouca visibilidade”, lembra.

Os animais na estrada são um transtorno recorrente no percurso de quarenta e oito quilômetros. Com muitas fazendas, sítios e chácaras no entorno da estrada, o número de vacas e cavalos que saem para as pistas é alto. “Sei de muitos amigos que também encontraram animais”, diz Gilson.

Os animais na estrada são um transtorno recorrente. Animais silvestres como javali, capincho, sorro e veado são facilmente encontrados, assim como vacas e cavalos.

*“A escuridão da noite me preocupa muito”,
Alcir Nunes, motorista de ônibus*



Falta de manutenção na via

Foto: Karoline Peter



Carro trafega em pista com curvas e sem sinalização

Outro transtorno que os motoristas enfrentam é a grande quantidade de buracos na pista. Entre os meses de março e maio os obstáculos crescem em função do grande fluxo de caminhões, responsáveis pelo escoamento da soja e milho, muito presente na agricultura da cidade. Herval é um grande produtor de soja na região sul, uma média de 60 toneladas por hectares estão previstas para serem colhidas neste ano. Já a produção de milho, pode chegar a uma média de 80 toneladas por hectares.

Os caminhões também realizam o escoamento de eucalipto. As empresas de celulose cresceram nos últimos anos no Herval e as toras que são carregadas nos caminhões acabam caindo e podem colidir com os veículos ou abrir pequenos buracos no asfalto.

Com o peso dos caminhões, malha rodoviária fina, o asfalto se rompe e os problemas aparecem. Com

Outro transtorno é a grande quantidade de buracos na pista. Com o peso dos caminhões que trafegam, malha rodoviária fina, o asfalto se rompe e os problemas aparecem.

Uma escola no caminho

A diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Silvina Gonçalves, Karla Dufau, também reclama da falta de sinalização. A Escola está localizada no entorno de Arroio Grande, nos primeiros quilômetros da RS 602, no outro lado da rodovia e, as crianças, moradoras do bairro Silvina, precisam atravessar a via para chegar até a escola. No trecho, em ambas as pistas, apenas placas indicando que na área existem redutores de velocidades para os motoristas, mas com o recapeamento asfáltico em setembro de 2014, os redutores também foram retirados.

A reportagem fez o trajeto da rodovia para calcular quantos quilômetros do percurso estão sem sinalização impedindo que os motoristas trafeguem com segurança e tranquilidade. O trecho de Herval, na RS 473, é o que mais apresenta problemas e chega a ter mais de dois kms totalmente sem tachões, tachas ou pintura de demarcação.

muitos buracos ao longo da rodovia e sendo alvo de muitas críticas, o Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem em setembro de 2014, recapeou o asfalto, tapando os buracos menores apenas com asfalto e fortalecendo a manta asfáltica com mais camadas nas partes mais críticas da rodovia.

Outro transtorno surgiu, após os buracos terem sido tapados. Para facilitar a obra, as tachas e os tachões de sinalização foram retirados e, com a finalização do trabalho, não foram recolados. Conhecidos como “olhos de gato”, o material auxilia os motoristas ao indicar o limite das pistas durante as viagens noturnas, pois são capazes de refletir a luz dos faróis dos automóveis na pista e demarcar o limite do acostamento e a pista onde os motoristas podem trafegar.

Com a nova camada de asfalto colocada sobre a já existente, a pintura de demarcação das pistas e acostamento foi tapada junto e não foram repintadas. Nesses trechos não pintados, os motoristas consideram que é difícil trafegar com tranquilidade e segurança. O transtorno já completa dois anos sem reparo ou concerto qualquer.

O motorista de ônibus Alcir Nunes, 35, viaja diariamente para Pelotas. Ele transporta estudantes de Herval para a cidade universitária todos os dias da semana. De acordo com Alcir, o retorno dos estudantes é feito durante a madrugada. Em dias comuns eles costumam chegar em torno de uma hora manhã, mas quando o tempo apresenta neblinas, os estudantes podem chegar até 1h20. A falta de sinalização é o que mais preocupa o motorista, seguido dos animais na pista.

- A escuridão da noite me preocupa muito, pois tem trechos que não tem como saber se estou na pista correta ou quase perto do acostamento, falou ele, que, quando nesses casos, chega a trafegar muito devagar.



Foto: Karoline Peter

Trecho em frente à escola não apresenta sinalização



A VIOLÊNCIA DA CIDADE ATINGE DIRETAMENTE AOS TRANSPORTES PÚBLICOS

Sindicalistas cansados com a insegurança pedem por ajuda das autoridades.



Karolaine Abib
karolaineabib@gmail.com

Em janeiro, 40 assaltos aos transportes públicos de Pelotas foram praticados. Em fevereiro foram 55 ao todo. No carnaval, 8 assaltos em uma única noite.

Pelotas está se tornando uma cidade violenta à medida que os dias passam, e o resultado destas ocorrências transparecem diretamente nos transportes coletivos da cidade. Assaltos, assédio, agressões verbais e físicas, são algumas das violências que os funcionários e os passageiros sofrem dentro dos ônibus. O medo das pessoas que utilizam esse serviço ressalta todos os dias ao saírem de casa e a insegurança que a cidade se encontra ajuda para que esse sentimento se sobressaia.

É importante lembrar que o assalto não é o único tipo de violências que as pessoas sofrem dentro dos transportes públicos. Assédio moral, que consiste em uso de palavras que ofendam ao outro, tentando denegrir a imagem e atingir psicologicamente a pessoa fazendo com que ela se sinta péssima consigo mesma, esta é uma das violências presentes nos transportes urbanos da cidade.

Já o assédio sexual acontece quase que da mesma maneira que o assédio moral, porém as ofensas tem uma conotação sexual, palavras ofensivas com a intenção de denegrir a imagem da mulher e também dos homens, as vezes tratadas como elogio, são assédios sexuais. Elas podem ser tão comuns que as pessoas não percebem que estão sendo assediadas. Uma pessoa que passa lentamente pela outra se aproveitando do fato do ônibus estar cheio, está praticando tanto assédio quanto agressão.

As violências física e verbal também estão presentes dentro dos ônibus. A violência verbal é mais comum que a física, por ser um comportamento agressivo, caracterizado por palavras danosas que tem a intenção de ridicularizar, humilhar, manipular e/ou ameaçar.

Assim como acontece com a violência física, este tipo de agressão afeta significativamente a vítima, causando danos psicológicos brutais e irreparáveis. Com o aumento da criminalidade na cidade o assalto vem sendo a violência mais denunciada nos ônibus e também fora deles. Mais de 80 casos já foram registrados apenas neste ano de 2017.

Em janeiro, 40 assaltos aos transportes públicos de Pelotas foram praticados. Em fevereiro fo-

ram 55 ao todo. No período do carnaval, em uma única noite, 8 assaltos foram praticados, sendo que a metade deles foram em uma mesma linha urbana.

A insegurança da população que utiliza os serviços do transporte público não se detém apenas dentro dos ônibus, mas também na espera do mesmo. O perigo de aguardar pelo transporte coletivo tem deixado os populares aflitos. “Quando esperava pelo meu ônibus depois do serviço passaram dois homens em uma moto. Fiquei com muito medo, por sorte o ônibus já vinha e não deu tempo de nada pior acontecer.” Declarou a usuária do transporte, Fábria Beatriz, 49 anos. Segundo ela, o medo e a insegurança assombram as ruas da cidade.

Uma tentativa para que cessassem os assaltos foi a implantação das câmeras no transporte coletivo da cidade, algo que não adiantou, pois os assaltantes continuaram praticando as ações mostrando o rosto. “Nós achávamos que as câmeras iam intimidar eles, no início do ano quando houve a audiência pública, tinha aquele monte de assalto e os caras não davam bola para as câmeras, apareciam de cara limpa. Então eu me pergunto, para que as câmeras se a polícia não busca pelos suspeitos. É complicado, por que uns prendem e outros soltam”, disse o Presidente do Sindicato dos Rodoviários, Eder Blank, 48 anos. De acordo com o Presidente do sindicato, o último assalto aos transportes públicos correu na sexta-feira santa, 14.

Segundo Eder Blank, os ônibus da cidade foram assaltados mais de 30 vezes por um único homem. O suspeito conhecido pelo apelido de “Zoiudo” havia contribuído pela auto índice de violência aos transportes urbanos apenas neste ano.

No ano passado um dos acontecimentos que ajudou para a sensação de insegurança foi a fuga de 6 criminosos do presídio de Pelotas, após um caminhão colidir com uma das paredes do detenção. A ação foi realizada no mesmo dia em que acontecia uma paralisação dos órgãos de segurança pública no estado, porém a brigada militar não fez relação entre os fatos.

